

Qualidade da carne bovina brasileira exportada: Análise de dados recentes e desafios regulatórios

Quality of brazilian beef exports: Analysis of recent data and regulatory challenges

Calidad de las exportaciones brasileñas de carne de vacuno: Análisis de datos recientes y desafíos regulatórios

Recebido: 10/01/2026 | Revisado: 13/01/2026 | Aceitado: 13/01/2026 | Publicado: 14/01/2026

Yan Lucas Matias Viana

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5053-7332>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: yanvianavet@gmail.com

Denise R. Perdomo Azeredo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0781-5053>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: denise.azeredo@ifrj.edu.br

Resumo

O Brasil é um dos principais exportadores de carne bovina no mercado internacional, com a China respondendo por aproximadamente 48% do volume exportado, seguida pelos Estados Unidos, Chile, União Europeia, Rússia e México, o que evidencia a forte dependência do mercado chinês e, ao mesmo tempo, a diversificação gradual dos destinos da carne bovina brasileira. O setor enfrenta desafios relacionados a barreiras tarifárias e não tarifárias, incluindo exigências sanitárias rigorosas, rastreabilidade e bem-estar animal. Este estudo teve como objetivo analisar os principais mercados da carne bovina brasileira, considerando exportações, requisitos regulatórios, barreiras comerciais e tendências do setor. A pesquisa baseou-se em levantamento bibliográfico e documental, incluindo dados do USDA, FSIS, MAPA, ABIEC, FAO e RASFF, além de artigos acadêmicos sobre competitividade e dinâmica da cadeia produtiva. A análise apontou redução de alertas do RASFF entre 2024 e 2025, evidenciando avanços em segurança de alimentos. No entanto, os Estados Unidos mantêm barreiras tarifárias expressivas, impactando a competitividade. Concluiu-se que, embora o Brasil apresente condições favoráveis para manter sua relevância internacional no segmento, investimentos em rastreabilidade, inovação tecnológica, sustentabilidade e diversificação de mercados são fundamentados para ampliar o acesso e consolidar sua participação no mercado global.

Palavras-chave: Carne bovina; Mercados internacionais; Barreiras tarifárias; Barreiras não tarifárias; Segurança de alimentos.

Abstract

Brazil is one of the leading exporters of beef in the international market, with China accounting for approximately 48% of the exported volume, followed by the United States, Chile, the European Union, Russia, and Mexico. This scenario highlights the strong dependence on the Chinese market, while also indicating the gradual diversification of destinations for Brazilian beef. The sector faces challenges related to tariff and non-tariff barriers, including strict sanitary requirements, traceability, and animal welfare standards. This study aimed to analyze the main markets for Brazilian beef, considering export performance, regulatory requirements, trade barriers, and sectoral trends. The research was based on a bibliographic and documentary survey, including data from the USDA, FSIS, MAPA, ABIEC, FAO, and RASFF, as well as academic articles addressing competitiveness and supply chain dynamics. The analysis indicated a reduction in RASFF alerts between 2024 and 2025, reflecting advances in food safety. However, the United States maintains significant tariff barriers, which negatively impact competitiveness. It was concluded that, although Brazil presents favorable conditions to maintain its international relevance in the sector, investments in traceability, technological innovation, sustainability, and market diversification are essential to expand access and consolidate its position in the global market.

Keywords: Beef; Exports; International markets; Trade barriers; Competitiveness; Food safety.

Resumen

Brasil es uno de los principales exportadores de carne bovina en el mercado internacional, con China representando aproximadamente el 48% del volumen exportado, seguida por Estados Unidos, Chile, la Unión Europea, Rusia y México. Este escenario evidencia una fuerte dependencia del mercado chino y, al mismo tiempo, una diversificación gradual de los destinos de la carne bovina brasileña. El sector enfrenta desafíos relacionados con barreras arancelarias

y no arancelarias, incluidas exigencias sanitarias estrictas, trazabilidad y bienestar animal. Este estudio tuvo como objetivo analizar los principales mercados de la carne bovina brasileña, considerando las exportaciones, los requisitos regulatorios, las barreras comerciales y las tendencias del sector. La investigación se basó en una revisión bibliográfica y documental, incluyendo datos del USDA, FSIS, MAPA, ABIEC, FAO y RASFF, además de artículos académicos sobre competitividad y dinámica de la cadena productiva. El análisis indicó una reducción de las alertas del RASFF entre 2024 y 2025, lo que demuestra avances en seguridad alimentaria. Sin embargo, Estados Unidos mantiene barreras arancelarias significativas, lo que impacta negativamente la competitividad. Se concluyó que, aunque Brasil presenta condiciones favorables para mantener su relevancia internacional en el sector, las inversiones en trazabilidad, innovación tecnológica, sostenibilidad y diversificación de mercados son fundamentales para ampliar el acceso y consolidar su participación en el mercado global.

Palabras clave: Carne de vacuno; Exportaciones; Mercados internacionales; Barreras comerciales; Competitividad; Seguridad alimentaria.

1. Introdução

A carne bovina brasileira ocupa posição de destaque no comércio internacional de produtos de origem animal, configurando-se como um dos principais itens de exportação. Em 2025, o Brasil apresentou desempenho histórico nas exportações de carne bovina, com crescimento de 21,4% na comparação com o ano de 2024, resultando em uma receita de US\$ 16,61 bilhões. Considerando todas as categorias (carne *in natura*, industrializada, salgada, miúdos, tripas e gordura), a carne bovina brasileira foi exportada para mais de 170 países, tendo como principais destinos a China, os Estados Unidos, Chile, União Europeia, Rússia e México (Abiec, 2026).

Esses resultados refletem a alta competitividade do setor no mercado internacional, e podem ser atribuídos à extensão do rebanho, aos avanços tecnológicos na pecuária e às estratégias de controle sanitário (Abiec, 2024; FAO, 2023).

Para que o Brasil pudesse inserir-se de modo competitivo no comércio internacional de carne bovina, foi necessário instituir controles rigorosos, dentre os quais destaca-se a rastreabilidade do rebanho, com base na Lei 12.097/2009 (Brasil, 2009), regulamentada pelo Decreto 7.623/2011 (Brasil, 2011), que conceituam e disciplinam a aplicação da rastreabilidade, que consiste na capacidade de garantir o registro e o acompanhamento das informações que contemplam a cadeia produtiva de carne bovina e bubalina, permitindo acompanhar um animal ou grupo de animais durante todos os estágios da sua vida, bem como seguir um produto por todas as etapas de produção, transporte, processamento e distribuição (Brasil, 2009).

A rastreabilidade pode ser realizada por lote de animais, através da Guia de Trânsito Animal -GTA e da nota fiscal, ou por identificação individual, utilizando o SISBOV - Sistema Brasileiro de Identificação Individual de Bovinos e Búfalos, criado em 2002 e regulamentado pela Instrução Normativa nº 51/2018 do MAPA que exige identificação individual de bovinos, registro de movimentações, controle sanitário e certificação para propriedades que desejam exportar para mercados que demandam rastreabilidade individual (Brasil, 2018).

Observa-se, no entanto, um esforço por parte do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), no sentido de aprimorar a rastreabilidade do rebanho brasileiro com foco na segurança sanitária, reforçando os mecanismos de identificação individual e monitoramento da movimentação dos animais, através do lançamento do Plano Nacional de Identificação Individual de Bovinos e Bubalinos – PNIB. Esse sistema não só contribuirá para assegurar a origem, a integridade e a segurança do produto final, como também funcionará como um instrumento de credibilidade frente ao mercado internacional, reduzindo barreiras sancionatórias, regulatórias e técnicas, fortalecendo a integração do Brasil em cadeias de exportação de carne bovina (CNA, 2025).

No contexto do mercado globalizado, os países importadores impõem diversas exigências, no tocante a inocuidade da carne bovina importada, envolvendo não apenas a adoção de programas de rastreabilidade, mas também o cumprimento de rigorosos protocolos sanitários, incluindo o *status* sanitário da área de produção, que deve ser reconhecida como livre de febre aftosa, sem registros de Encefalopatia Espóngiforme Bovina (EEB) ou estomatite vesicular nos períodos estabelecidos. Essas

exigências são caracterizadas como barreiras não tarifárias, justificadas por motivações relacionadas a sanidade animal, meio ambiente ou qualidade (Villa et al., 2022). Historicamente, o Brasil já enfrentou barreiras e embargos temporários à exportação de carne bovina, especialmente para mercados exigentes como o norte-americano, em decorrência de episódios associados a questões sanitárias, como casos de EEB e à identificação de não conformidades em inspeções oficiais (Mapa, 2019; Usda, 2020)

As barreiras tarifárias podem ser compreendidas como instrumentos de proteção à produção nacional, utilizados pelos países importadores no âmbito de políticas comerciais (Villa et al., 2022). Como exemplo recente, destaca-se a decisão da China de aplicar medidas de salvaguarda às importações globais de carne bovina, incluindo o produto brasileiro, como mecanismo de defesa comercial previsto nos protocolos da OMC – Organização Mundial do Comércio (Mapa, 2025). Diante desse cenário, torna-se estratégico para a pecuária nacional fortalecer e diversificar as rotas de escoamento da carne bovina brasileira, sendo o mercado norte-americano uma alternativa relevante. Segundo o USDA (2025), os Estados Unidos representam um dos principais mercados importadores de carne bovina no mundo, pois depende de fornecedores internacionais para atender parte de sua demanda interna, especialmente para cortes específicos e carne processada.

O mercado norte-americano é regulado por normas rigorosas de qualidade e segurança de alimentos, estabelecidas pelo *United States Department of Agriculture* (USDA) e pelo *Food Safety and Inspection Service* (FSIS). Esses órgãos preconizam requisitos abrangentes relacionados à sanidade animal, rastreabilidade, inspeção *ante* e *post mortem*, controle de contaminantes e de resíduos químicos, programa de controle de patógenos, bem como protocolos de biossegurança que devem ser integralmente atendidos. Tais exigências posicionam o mercado estadunidense entre os mais restritivos no comércio global de carnes (Usda, 2023; Fsis, 2022).

Sob a perspectiva de elevada exigência regulatória e sanitária, o atendimento às normas estabelecidas por diferentes organismos internacionais torna-se determinante para a competitividade da carne bovina brasileira. Além das exigências impostas pelo USDA e pelo FSIS, os produtos de origem brasileira também são continuamente avaliados por outros sistemas internacionais de monitoramento da segurança de alimentos, como o *Rapid Alert System for Food and Feed* (RASFF), da União Europeia. O RASFF atua como instrumento de vigilância destinado à detecção e comunicação de perigos à segurança de alimentos e rações, tendo registrado, nos últimos anos, notificações envolvendo a carne bovina brasileira, envolvendo principalmente relacionadas à presença de resíduos de medicamentos veterinários e à contaminação de origem biológica (Rasff, 2023)

A compreensão da qualidade da carne bovina brasileira destinada à exportação exige a análise integrada dos aspectos produtivos e tecnológicos da cadeia produtiva de carnes no Brasil, bem como dos requisitos legais inseridos no contexto do comércio internacional. Ademais, torna-se fundamental discutir os principais indicadores de qualidade da carne bovina, tais como maciez, suculência, composição nutricional e segurança microbiológica, atributos determinantes para a aceitação do produto em mercados altamente exigentes. Esses parâmetros estão diretamente associados a fatores como genética, nutrição, manejo pré e pós-abate, além das condições de processamento industrial (Felício, 2013; Lawrie; Ledward, 2017). A avaliação desses atributos, aliada ao cumprimento das normas internacionais de segurança dos alimentos, possibilita o alinhamento da carne bovina brasileira aos padrões de qualidade demandados globalmente, contribuindo para a manutenção e a ampliação de mercados estratégicos (Usda, 2023; Fsis, 2022).

Este estudo teve como objetivo avaliar a qualidade da carne bovina brasileira exportada para os Estados Unidos, destacando as exigências regulatórias, os avanços do setor produtivo e o impacto desses fatores na competitividade internacional do Brasil

2. Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e análise de dados estatísticos sobre a carne bovina brasileira exportada, especialmente para o mercado norte-americano. A busca bibliográfica foi conduzida nas bases *SciELO*, *Web of Science*, *Scopus* e *Google Scholar*, utilizando o operador booleano AND para a combinação dos descritores inicialmente definidos (“carne bovina”, “exportação”, “competitividade”, “barreiras comerciais” e “políticas internacionais de alimentos”).

Durante a etapa exploratória, com base na planilha de resultados gerada, observou-se que a combinação desses descritores produziu quantidades muito distintas de publicações entre as bases. Enquanto *SciELO*, *Web of Science* e *Scopus* apresentaram resultados manejáveis, o *Google Scholar* retornou valores extremamente elevados, chegando a 19.900 resultados para “carne bovina” e 2.140 resultados mesmo após a inclusão de “agronegócio brasileiro”. Esse volume inviabilizaria a leitura, triagem e análise crítica dos artigos, evidenciando a necessidade de um refinamento metodológico da estratégia de busca.

Diante desse cenário, foi necessário reorganizar os descritores de forma mais precisa e alinhada ao foco do estudo, incorporando termos específicos relacionados à qualidade da carne, que é um dos eixos centrais da pesquisa, mas não estava contemplada nos descritores iniciais. Assim, foram adicionados descritores como “qualidade da carne bovina”, “*meat quality*” e “*Brazilian beef quality*”, além da manutenção dos termos centrais já utilizados. Esse refinamento permitiu reduzir significativamente o número de publicações recuperadas, direcionando a busca para estudos que realmente abordassem exportação, requisitos regulatórios, competitividade e qualidade da carne, pontos essenciais da investigação.

Após o refinamento, a seleção dos artigos ocorreu em três etapas: (1) leitura de títulos, (2) leitura de resumos e (3) leitura integral dos textos considerados mais relevantes. Os critérios de inclusão contemplaram artigos publicados entre 2011 e 2025, em português ou inglês, que abordassem aspectos relacionados à exportação de carne bovina brasileira, especialmente temas de qualidade, competitividade, barreiras sanitárias e políticas internacionais de alimentos. Foram excluídos estudos sem dados empíricos, análises aplicadas ou relação direta com o objetivo da pesquisa. Entre os trabalhos selecionados, destacam-se Lima et al. (2019), Gontijo, 2019, Dill et al. (2013), Santos (2023), Kaebi (2021) e Zia et al. (2019), pela relevância científica e metodológica.

Além das bases científicas, foram incluídas fontes institucionais e reportagens qualificadas: CNN Brasil (2025) e Jornal Grande Bahia (2025), devido à sua importância para contextualizar acordos comerciais recentes, atualizações regulatórias, mudanças na dinâmica de mercado (como o crescimento das exportações para o México em 2025) e implicações das tarifas norte-americanas. A seleção dessas fontes considerou sua credibilidade, relação direta com o tema e alinhamento com dados oficiais.

Complementarmente, foram consultadas legislações e documentos oficiais que norteiam o comércio internacional de carne bovina, incluindo a Instrução Normativa nº 51/2018 do MAPA (Brasil, 2018), que regulamenta o Sistema Brasileiro de Identificação Individual de Bovinos e Bubalinos (SISBOV), bem como normas emitidas por órgãos internacionais como o USDA (United States Department of Agriculture), FSIS (Food Safety and Inspection Service), FDA (Food and Drug Administration) e o sistema europeu RASFF (Rapid Alert System for Food and Feed). A análise estatística utilizou dados provenientes do MAPA, ABIEC (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), USDA, FSIS, FAO (Food and Agriculture Organization) e do próprio RASFF, considerando volumes exportados, valores comerciais, notificações sanitárias e registros de não conformidades nos últimos cinco anos.

A partir da seleção final dos materiais, o texto foi organizado de forma temática, contemplando três eixos principais: (1) os aspectos produtivos e de qualidade da carne bovina brasileira; (2) as exigências regulatórias e sanitárias impostas pelos

Estados Unidos; e (3) o desempenho exportador brasileiro, articulado aos desafios competitivos e barreiras comerciais. Essa estruturação permitiu integrar evidências científicas, dados oficiais e análises regulatórias, oferecendo uma compreensão ampliada e atualizada sobre a inserção da carne bovina brasileira no mercado norte-americano.

3. Resultados e Discussão

3.1 Qualidade da Carne Bovina Brasileira

A qualidade da carne bovina é determinada por diversos fatores que se iniciam na propriedade rural. O manejo do animal durante toda a criação é determinante para garantir uma carne de boa qualidade. A alimentação balanceada, o acompanhamento sanitário adequado e o monitoramento do bem-estar animal influenciam diretamente a maciez, sabor e cor da carne. Animais que passam por estresse constante, seja devido a confinamento inadequado, transporte ou manejo brusco, tendem a apresentar carne mais dura e menos suculenta, comprometendo a aceitação do consumidor e a durabilidade do produto (Ribeiro Júnior, 2020; Gontijo, 2019). Neste sentido, o transporte do animal do campo até o frigorífico consiste em uma etapa crítica. Contusões, golpes ou longos períodos sem descanso e alimentação adequada, aumentam o risco de alterações na carne, como manchas e endurecimento. Procedimentos inadequados durante o abate ou armazenamento inicial também contribuem para reduzir a vida útil e a segurança do produto, impactando diretamente o valor econômico da carcaça (Gontijo, 2019).

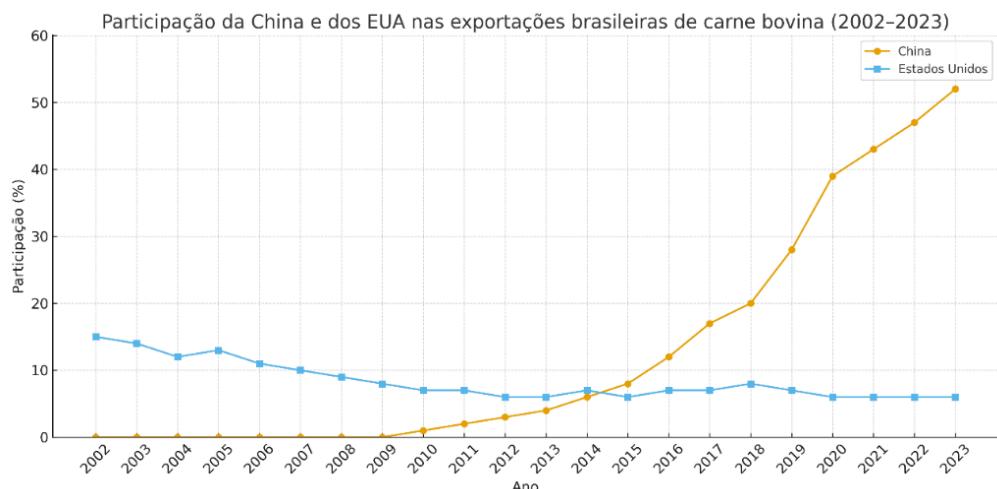
As situações de estresse, quedas ou contusões podem desencadear alterações fisiológicas que resultam na elevação do pH intramuscular, favorecendo a ocorrência de carne DFD (*Dark, Firm, Dry*), caracterizada por coloração mais escura, textura firme e baixa vida útil, devido à maior suscetibilidade ao crescimento microbiano. Por outro lado, quando o estresse é agudo e intenso próximo ao momento do abate, pode ocorrer a carne PSE (*Pale, Soft, Exudative*), que apresenta coloração pálida, textura amolecida e elevada perda de exsudato. Ambos os defeitos comprometem os atributos sensoriais, reduzem a aceitação pelo consumidor e resultam em prejuízos econômicos significativos para a cadeia produtiva (Felício, 2013; Tarrant, 1989; Grandin, 2014; Warner et al., 2010).

3.2 As exigências regulatórias e sanitárias impostas pelos Estados Unidos

O mercado internacional de carne bovina é bastante dinâmico, condicionado por mudanças estratégicas ao longo das últimas décadas. Atualmente, aproximadamente 58,26% das exportações brasileiras concentram-se na China e nos Estados Unidos (Figura 1) (Abiec, 2025). A ampliação da participação chinesa nas exportações brasileiras decorre de uma estratégia comercial delineada no início do século XXI, em resposta às recorrentes incertezas no mercado norte-americano, que além de impor barreiras sanitárias e tarifárias, também se destaca como um dos maiores produtores mundiais. Essa reconfiguração consolidou a China como parceiro central do setor exportador brasileiro, sem, contudo, eliminar a relevância dos Estados Unidos como mercado consumidor estratégico (Abiec, 2025; Souza, 2021).

A China mantém-se como o principal comprador, absorvendo consistentemente uma parcela muito significativa das exportações. Por exemplo, em 2024, das aproximadamente 2,89 milhões de toneladas exportadas, cerca de 1,33 milhão foram destinadas à China, enquanto os EUA compraram cerca de 229 mil toneladas.

Figura 1 - Participação da China e dos Estados Unidos nas exportações brasileiras de carne bovina (2002–2023).



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne – ABIEC (Beef Report 2024: Perfil da Pecuária no Brasil) e Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) (2024).

Segundo ZIA et al. (2019), o Brasil retomou a liderança mundial nas exportações de carne bovina, sendo os EUA um destino estratégico devido à demanda elevada e aos padrões de qualidade exigidos. A participação brasileira neste mercado depende de fatores como preço, qualidade, rastreabilidade e conformidade com normas internacionais, especialmente aquelas estabelecidas pelo USDA, FSIS e FDA (Usda, 2025; Fsis, 2025; Fda, 2025). Estudos indicam que fatores como inspeção sanitária, certificação de qualidade e requisitos fitossanitários podem dificultar o acesso ao mercado norte-americano, exigindo adequações constantes dos frigoríficos exportadores (Borges, 2023; Kaebi, 2021; Vale; Pereira, 2019).

O Brasil só pode exportar carne bovina para os Estados Unidos se os estabelecimentos exportadores forem aprovados pelo FSIS e pelo USDA, que fiscalizam a cadeia produtiva como garantia da conformidade com os padrões de segurança dos alimentos. Além disso, é exigida inspeção sanitária obrigatória para cada lote exportado, assegurando que a carne atenda aos critérios de inocuidade. Toda remessa deve ser acompanhada de documentação detalhada que comprove sua origem e conformidade com os requisitos do país importador. Outro ponto importante é a conformidade com as normas de rotulagem norte-americana, que devem informar corretamente a procedência, peso e outras características exigidas pelo FDA e FSIS. O cumprimento do controle de patógenos é obrigatório (Fsis, 2025).

A valorização da qualidade e do programa de rastreabilidade são determinantes para a consolidação da presença brasileira no mercado norte-americano, garantindo confiabilidade, segurança e competitividade frente a outros países exportadores (Alarcon Fernandes; De Fátima Sales; Gabardo da Câmara, 2025; Neto, 2018).

Dados de exportação demonstram que o Brasil tem mantido volumes expressivos de carne *in natura* e processada destinados aos EUA (Tabela 1), sendo o mercado norte-americano essencial para o equilíbrio comercial do setor (Ibing; Cazella; Pavan, 2018). Organizações como a ABIEC e o MAPA acompanham continuamente os requisitos legais e de inocuidade, garantindo que os produtos atendam aos padrões internacionais (Abiec, 2025; Brasil, 2025).

Tabela 1 - Exportações de carne bovina brasileira para os Estados Unidos (período entre 2020–2025).

Ano	Volume (mil toneladas)	Valor (US\$ Bilhões)	Observações
2020	150	0,9	Queda na exportação causada pela pandemia do COVID 19
2021	180	1,1	-
2022	200	1,3	-
2023	230	1,5	Aumento de 65% em volume e 59% em valor em relação a 2022
2024	380	2,4	-
2025 (jan-jul)	330	2,0	-

Fonte: Abiec (2025).

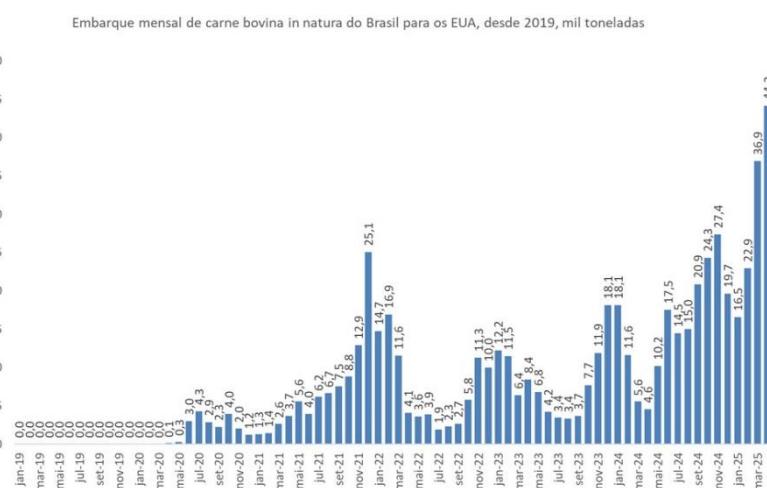
Entretanto, em agosto de 2025, os Estados Unidos, anunciaram a imposição de uma tarifa adicional de 50% sobre diversos produtos brasileiros, incluindo a carne bovina. Essa decisão teve repercussões significativas no comércio bilateral, ampliando os custos de exportação e reduzindo a competitividade do produto nacional. Esse cenário reforça a vulnerabilidade do comércio exterior a decisões unilaterais e evidencia a necessidade de diversificação de mercados. Os analistas do setor sugerem que países como México e Argentina podem importar carne brasileira e reexportá-la para o mercado americano, contornando as tarifas impostas (G1, 2025).

3.3 Desempenho exportador brasileiro, articulado aos desafios competitivos e barreiras comerciais

3.3.1 Dados relativos à exportação da carne bovina brasileira

A análise dos dados de exportação de carne bovina brasileira (Figura 2) para o mercado americano e outros mercados revelou variações significativas nos últimos cinco anos. Em 2020, observou-se uma queda no volume exportado, associada aos impactos da pandemia de COVID-19 sobre a logística internacional e a demanda externa (Lima et al., 2019). Embora o Brasil tenha experimentado um aumento nas exportações nos primeiros meses de 2020 em comparação ao ano de 2019, o agravamento da pandemia, especialmente na China, principal destino das exportações brasileiras, afetou negativamente o comércio bilateral. Em agosto de 2020, lotes de carne bovina exportados para a China testaram positivo para o vírus, resultando em uma desaceleração nas exportações.

Figura 2 - Embarque mensal de carne bovina *in natura* do Brasil para o mercado americano.



Fonte: Dados da COMEX elaborado por Farmnews (2025).

Estudo econométrico realizado por Lima et al. (2019) identificou que a pandemia teve um impacto negativo significativo nas exportações de carne bovina do Brasil. O modelo de dados em painel utilizado pelos pesquisadores indicou uma redução de aproximadamente 42,3% no volume das exportações durante o período da crise sanitária, evidenciando a vulnerabilidade do setor frente a crises.

Apesar desses desafios, o setor de carne bovina demonstrou resiliência. A competitividade do agronegócio brasileiro, aliada a fatores como uma taxa de câmbio desvalorizada, uma taxa de juros em trajetória decrescente e o crescimento da economia chinesa, contribuiu para mitigar os efeitos negativos da pandemia sobre as exportações. Observa-se os principais mercados exportadores de carne bovina brasileira (Tabela 2), no ano de 2025.

Tabela 2 - Principais mercados importadores da carne bovina brasileira (ano base: 2025).

País	Volume Exportado (mil tonelada)	Participação (%)
China	1,68 milhões	48
Estados Unidos	271,8	7,8
Chile	136,3	3,9
União Europeia	128,9	3,7
Rússia	126,4	3,6
México	118,00	3,4

Fonte: Broadcast (2025).

Em 2025, o Brasil apresentou desempenho histórico nas exportações de carne bovina, com crescimento de 21,4% na comparação com o ano de 2024, resultando em uma receita de US\$ 16,61 bilhões. Considerando todas as categorias (carne *in natura*, industrializada, salgada, miúdos, tripas e gordura), a carne bovina brasileira foi exportada para mais de 170 países, tendo como principais destinos a China, os Estados Unidos, Chile, União Europeia, Rússia e México (Abiec, 2026).

Esse movimento reflete uma estratégia do Brasil para diversificar seus mercados e reduzir a vulnerabilidade frente a barreiras tarifárias. O México representa alternativa viável frente às tarifas impostas pelo mercado americano. Recentemente, Brasil e México assinaram acordos comerciais e de investimentos recíprocos, fortalecendo a relação bilateral e consolidando o México como um parceiro estratégico para o setor de carne bovina (JORNAL GRANDE BAHIA, 2025).

Apesar de os Estados Unidos terem historicamente sido um mercado relevante, em 2025 sua participação relativa no volume exportado é de apenas 3,1%, refletindo a concorrência internacional e barreiras regulatórias, incluindo inspeções sanitárias rigorosas e exigências de rotulagem (Abiec, 2024).

3.3.2 Competitividade, Barreiras Tarifárias e Não Tarifárias

O Brasil possui elevada produtividade e escala na produção pecuária, com grandes rebanhos, tecnologias avançadas de manejo e integração lavoura-pecuária, o que permite atender a grandes volumes de exportação. Além disso, o custo de produção relativamente baixo, aliado a fatores climáticos favoráveis, contribui para tornar a carne brasileira mais competitiva frente a outros fornecedores internacionais (Casagrande et. al., 2021; Dias; Biscola; Malafaia, 2025). O país também mantém padrões sanitários rigorosos e certificações reconhecidas internacionalmente, garantindo a inocuidade do produto e aumentando a confiança dos importadores (Dill et al., 2013). A variação cambial, com a desvalorização do real em relação ao dólar, e a crescente demanda de mercados estratégicos reforçam ainda mais essa competitividade (Alarcon Fernandes; De Fátima Sales; Gabardo da Câmara, 2025).

As exportações brasileiras de carne bovina enfrentam restrições que podem comprometer sua competitividade internacional. Essas restrições podem ser classificadas em barreiras tarifárias, quando envolvem a aplicação de impostos e

tarifas aduaneiras que elevam o custo final do produto, e barreiras não tarifárias, relacionadas a exigências sanitárias, fitossanitárias e regulatórias. Entre estas últimas, incluem-se as notificações de segurança de alimentos e os alertas emitidos pelo RASFF, que podem limitar temporariamente o acesso aos mercados e gerar impactos econômicos para os exportadores (European Commission, 2025; Silva et. al., 2025).

Neste sentido, verificou-se a redução recente de alertas RASFF (Tabela 3), o que reforça a melhoria contínua no âmbito da segurança de alimentos e a capacidade do Brasil de adaptação às exigências internacionais (Reuters, 2025; European Commission, 2025).

Tabela 3 - Notificações do RASFF relacionadas à carne bovina brasileira (período entre 2020–2025).

Ano	Nº de Notificações	Categoria de Risco	Ação Tomada
2020	4	<i>Salmonella sp</i>	Recolhimento
2021	3	<i>E. coli</i>	Suspensão
2022	5	<i>Listeria monocytogenes</i>	Investigação
2023	5	<i>Salmonella sp</i>	Recolhimento
2024	3	<i>E. coli enteropatogênica</i>	Suspensão
2025	2	<i>Listeria monocytogenes</i>	Investigação
Total:	24		

Fonte: Elaborado pelo autor 2025, a partir de European Commission (2025).

Observa-se que houve variações anuais no número de alertas, com picos em 2022 e 2023, indicando períodos em que o produto enfrentou maior risco de contaminação microbiológica, principalmente por *Salmonella sp* e *Listeria monocytogenes*.

As barreiras tarifárias impostas pelos Estados Unidos, resultam na aplicação de uma tarifa base de 26,4% sobre a carne bovina brasileira exportada fora da cota tarifária e em 2025, foi adicionada uma tarifa suplementar, que, somada à tarifa base, eleva a carga tributária total para 76,4%. Essa alíquota mais elevada incide apenas sobre os volumes exportados que ultrapassam a cota anual estabelecida (Tabela 4). Esses elevados percentuais ilustram o impacto direto à competitividade nacional frente a outros fornecedores globais. Quando combinadas com os requisitos de inspeção sanitária, rotulagem e certificação do FSIS e do USDA, essas barreiras aumentam os custos de exportação e a complexidade logística, exigindo que os exportadores brasileiros adotem medidas rigorosas de conformidade para manter a competitividade (Reuters, 2025).

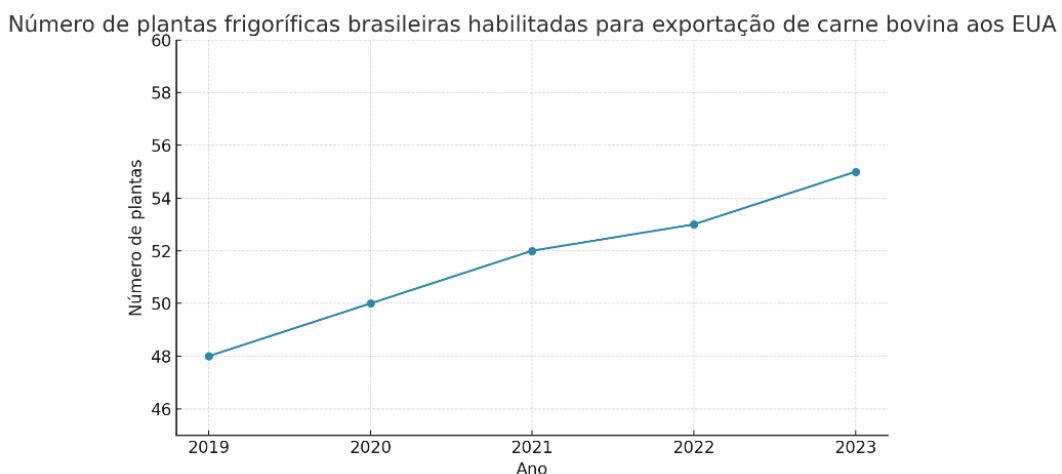
Tabela 4 - Tarifas de importação dos Estados Unidos sobre a carne bovina brasileira (ano base:2025).

Tipo de Tarifa	Percentual (%)	Aplicação
Tarifa Base	26,4	Acima da cota
Tarifa Adicional	50,0	Total 76,4%

Fonte: Reuters (2025).

Vale ressaltar que, atualmente, o Brasil possui 55 plantas frigoríficas habilitadas pelos órgãos fiscalizadores para exportar carne bovina aos Estados Unidos, notando-se um aumento de estabelecimentos ao longo do período compreendido entre 2019-2023 (Figura 3) (Usda, 2023).

Figura 3 - Evolução do número de plantas frigoríficas brasileiras exportadas para o Estados Unidos (período 2019-2023).



Fonte: Usda (2023).

Em 2023, os Estados Unidos aumentaram o volume de importações de carne bovina do Brasil em relação à média dos três anos anteriores. Segundo a ABIEC, o volume exportado passou de 134,4 mil Toneladas Equivalentes Carcaça (TEC) em 2022 para 146,8 mil TEC em 2023, representando 4,87% das exportações brasileiras de carne bovina (Abiec, 2023). Esse aumento ocorreu, em parte, devido à necessidade de reduzir a inflação no mercado americano, impulsionada por extremos climáticos que afetaram a produção de alimentos (Usda, 2022).

3.4 Tendência e Perspectivas Futuras

O mercado de carne bovina brasileiro apresenta um cenário promissor. Dados do IBGE indicam que a produção de carne bovina brasileira segue em expansão, com recorde de abate registrado em 2024, totalizando 39,27 milhões de cabeças, um aumento de 15,2% em relação ao ano anterior. Esse crescimento é o maior da série histórica da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, superando o recorde de 34,41 milhões de cabeças registrado em 2013. A produção concentra-se principalmente nos estados de Mato Grosso, Goiás e São Paulo, com participações de 17,4%, 10,4% e 10,1%, respectivamente (IBGE, 2024).

Embora promissor, a permanência na liderança do mercado de carne bovina também traz desafios para o Brasil. A tendência é que a competitividade internacional continue sendo determinada pelo alinhamento entre produtividade, qualidade sanitária e conformidade regulatória. A implementação da digitalização e automação de processos de controle de qualidade e logística, a redução de riscos sanitários e o cumprimento de normas internacionais, devem fazer parte dos investimentos dos estabelecimentos exportadores (Casagrande et. al., 2021). Em paralelo, o monitoramento pelo RASFF, continuará sendo um instrumento estratégico para antecipar riscos e manter a confiabilidade dos produtos no mercado externo (European Commission, 2025).

4. Conclusão

A análise realizada evidencia que a carne bovina brasileira se consolidou como um produto de relevância no comércio internacional. Apesar dos avanços observados em sanidade animal, rastreabilidade e conformidade regulatória, o setor ainda enfrenta desafios expressivos relacionados à imposição de barreiras tarifárias e não tarifárias, bem como a instabilidades de natureza político-comercial, que impactam diretamente a competitividade das exportações.

Os dados apresentados reforçam a importância de uma atuação articulada entre governo, indústria e produtores, com o objetivo de fortalecer o controle sanitário, à diversificação de mercados e a redução de vulnerabilidades frente a crises, incluindo aquelas associadas às mudanças climáticas.

A tendência de redução nas notificações de alertas emitidos por sistemas internacionais de monitoramento, como o RASFF sinaliza avanços no âmbito da segurança de alimentos, refletindo esforços consistentes na mitigação de riscos ao longo da cadeia produtiva.

Nesse cenário, o protagonismo do Brasil no mercado global de carne bovina dependerá da capacidade de alinhar inovação tecnológica, sistemas robustos de rastreabilidade, práticas sustentáveis e adesão à normas internacionais de qualidade e segurança de alimentos.

Referências

- Alarcon Fernandes, P. G., De Fátima Sales, M. & Gabardo da Camara, M. R. (2025). Competitividade das Exportações Brasileiras de Carne Bovina: 2001 A 2020. *Revista Foco (Interdisciplinary Studies Journal)*, 18(3). <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v18n3-133>. <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/8109>.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS EXPORTADORAS DE CARNES - ABIEC. (2025). Exportações brasileiras de carne bovina: dados e estatísticas. Associação Brasileira DAS Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC). <https://abiec.com.br/estatisticas/>.
- Borges, B. C. (2023). Barreiras não tarifárias impostas pelos principais mercados para carne bovina brasileira. TCC. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Agronomia. Curso de Zootecnia: Bacharelado. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/265897>.
- Brasil. (2024). Em setembro, IBGE prevê safra de 295,1 milhões de toneladas para 2024. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/41594-em-setembro-ibge-preve-safra-de-295-1-milhoes-de-toneladas-para-2024>
- Brasil. (2025). Sistema Brasileiro de Identificação Individual de Bovinos e Bubalinos – SISBOV. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). <https://sisbov.agricultura.gov.br>.
- Broadcast (ESTADÃO). (2025). ABIEC: exportações de carne bovina do Brasil batem recorde em 2025; receita cresce 40%. Broadcast. <https://www.broadcast.com.br/ultimas-noticias/abiec-exportacoes-de-carne-bovina-do-brasil-batam-recorde-em-2025-receita-cresce-40/>.
- Casagranda, Y. G., Casarotto, E. L., Medina, G. S., Binotto, E. & Malafaia, G. C. (2021). Cadeia produtiva da carne bovina no Brasil. EMBRAPA. p. 197-225. <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1177501/1/Cadeia-produtiva-carne-bovina-2021.pdf>.
- CNA. (2025). Nota Técnica: Os ganhos para a pecuária brasileira com os avanços em rastreabilidade individual. N° 10/2025. 25 de abril. Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil). <https://www.cnabrasil.org.br/publicacoes/assunto-os-ganhos-para-a-pecuaria-brasileira-com-os- avancos-em-rastreabilidade-individual>.
- CNN BRASIL. (2025). Carne brasileira: uma rota estratégica para driblar tarifas dos EUA. CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/fernando-nakagawa/economia/macroeconomia/carne-brasileira-ha-uma-rota-secreta-para-driblar-o-tarifaco-de-trump/>.
- Dias, F. R. T., Biscola, P. H. N. & Malafaia, G. C. (2021). Impactos da desvalorização do Real nas exportações de carne: simulações do USDA. *Revista de Economia e Agronegócio*, 19(2), 45–62. <https://www.revistarea.ufv.br/>.
- Dill, M. D. et al. (2013). Análise comparativa da competitividade do Brasil e EUA no mercado internacional da carne bovina. *Revista Ceres*, 60, 765-71.
- EUROPEAN COMMISSION. (2025). Rapid Alert System for Food and Feed (RASFF). https://food.ec.europa.eu/food-safety/rasff_en.
- EUROPEAN COMMISSION. (2024). Rapid Alert System for Food and Feed (RASFF): annual report 2023. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2024. https://food.ec.europa.eu/food-safety/rasff/annual-reports_en.
- FAO/UNITED NATIONS. (2025). Food and Agriculture Organization. FAO. <https://www.fao.org/home/en>.
- FARMNEWS. (2023). Dados da pecuária de corte, 2023. <https://www.farmnews.com.br/mercado/dados-da-pecuaria-de-corte-3/>.
- FDA/UNITED STATES. (2025). Food and Drug Administration. FDA. <https://www.fda.gov/>.
- Felício, P. E. (2013). Qualidade da carne bovina: bases e implicações. *Revista Brasileira de Zootecnia*, 42(11), 766-71.
- FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS - FAO. (2023). The state of food and agriculture 2023. Rome: Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO). <https://www.fao.org/publications/sofa/en/>.
- FSIS/UNITED STATES. (2025). Food Safety and Inspection Service. FSIS. <https://www.fsis.usda.gov/>.
- G1. (2025). Trump impõe tarifa de 50% sobre carne brasileira após julgamento de Bolsonaro. G1, 15 ago. 2025. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/08/15/trump-tarifa-carne-brasileira.ghml>.

- Grandin, T. (2014). Animal welfare and humane slaughter. New York: Springer.
- Ibing, L. Dal P. K., Cazella, C. F. & Pavan, D. (2018). Exportação de carne bovina in natura para os estados unidos: a perspectiva das exportadoras do sul do brasil. In: Anais Congresso Sul Catarinense de Administração e Comércio Exterior.
- Jornal Grande Bahia. (2025). Brasil e México intensificam cooperação frente a tarifas dos EUA e ampliam comércio bilateral.
<https://jornalgrandebahia.com.br/2025/08/brasil-e-mexico-intensificam-cooperacao-frente-a-tarifas-dos-eua-e-ampliam-comercio-bilateral/>.
- Kaebi, Z. (2021). Barreiras que afetam os frigoríficos exportadores de carne bovina brasileira. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. 7(12), 674-98.
- Lawrie, R. A. & Ledward, D. A. (2017). Lawrie's meat science. (8ed). Boca Raton: CRC Press.
- Lima, M. S. (2019). Avaliação de resultados de programas de monitoramento instituídos pelo ministério da agricultura, pecuária e abastecimento em abatedouros-frigoríficos do rio grande do Sul e identificação de potenciais riscos associados à segurança de alimentos. Tese (Doutorado). Repositório LUME da UFRGS. <http://hdl.handle.net/10183/204087>.
- Neto, O. A. (2018). O Brasil no mercado mundial de carne bovina: análise da competitividade da produção e da logística de exportação brasileira. Ateliê Geográfico. 12(2), 183-204.
- REUTERS. (2025). Brazil Beef Packers Estimate \$1 Billion in Losses if US Tariffs Apply.
<https://www.reuters.com/world/americas/brazil-beef-packers-estimate-1-billion-losses-if-us-tariffs-apply-2025-07-29/>.
- Ribeiro Júnior, G. (2020). Fatores que interferem na qualidade da carne bovina na propriedade rural. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Zootecnia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/493>.
- Tarrant, P. V. (1989). Animal behaviour and environment in the dark-cutting condition in beef – a review. Irish Journal of Food Science and Technology. 13(1), 1–21.
- USDA. (2025a). Livestock and poultry: world markets and trade. Washington, DC: UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE (USDA).
<https://www.fas.usda.gov/data/livestock-and-poultry-world-markets-and-trade>.
- USDA. (2025b). U.S. Department of Agriculture - Food Safety and Inspection Service. Brazil - Establishments Eligible to Export to the United States.
https://www.fsis.usda.gov/sites/default/files/media_file/documents/EFE-Brazil.pdf.
- Vale, A. R. V. & Pereira, W. (2019). Disputas e barreiras não-tarifárias no comércio agrícola: as exportações de carne bovina brasileira entre 2006 e 2015. Rev Bras Políticas Públicas e Int-RPPI. 3, 1-28.
- Warner, R. D. et al. (2010). Meat quality: genetic and environmental factors. In: Dikeman, M. & Devine, C. (Ed.). Encyclopedia of Meat Sciences. 2. ed. Oxford: Academic Press, 2010. v. 2, p. 183-90.
- Zia, M., Hansen, J., Hjort, K. & Valdes, C. Brazil Once Again Becomes the World's Largest Beef Exporter. Amber Waves: The Economics of Food, Farming, Natural Resources, and Rural America, United States Department of Agriculture, Economic Research Service. (6).
<https://ideas.repec.org/a/ags/uersaw/302722.html>.
- Zia, M. et al. (2019). O Brasil se torna novamente o maior exportador mundial de carne bovina. USDA ERS-Brazil Once Again Becomes the World's Largest Beef Exporter.